

## **Tempo de Reportagem: um estudo de caso da narrativa jornalística<sup>1</sup>**

Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS<sup>2</sup>

Bárbara Isis MARTINS<sup>3</sup>

Lívia Cristina Enders de ALBUQUERQUE<sup>4</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **RESUMO**

O estudo da obra de Audálio Dantas faz parte de uma proposta mais ampla de mapear as práticas narrativas do jornalismo científico, ambiental e literário em Alagoas. O enfoque se detém sobre a obra do jornalista alagoano, sob o ponto de vista da teoria dos gêneros jornalísticos em geral, e do jornalismo especializado em particular. A partir das abordagens de Castro (2010), Ferreira Jr. (2004) e Bueno (2007), a metodologia foi direcionada à pesquisa para a elaboração de um perfil biobibliográfico de Audálio Dantas e para a análise textual, o livro *Tempo de Reportagem* (2012), de sua autoria. Considerando que as reportagens que compõem a obra estudada foram originalmente publicadas nas Revistas *Cruzeiro e Realidade*, grandes referências do jornalismo brasileiro, acredita-se que a investigação reúne condições de discutir o conceito contemporâneo de gênero jornalístico nesse conjunto de textos com características poéticas e auto-biográficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Audálio Dantas; Jornalismo; Narrativa; Reportagem.

### **INTRODUÇÃO**

A notícia informativa é um produto previsível dentro da Indústria Cultural. Ela deve seguir os princípios do lead, procurando sempre responder às perguntas: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?" Esse tipo de texto é hegemônico no processo de produção de notícias dos veículos de forma geral, mas o jornalismo não vive só da notícia básica. Outra dimensão rica e surpreendente é a seara da reportagem, sempre diversa e produzida a partir de uma apuração consistente como investigação científica. Audálio Dantas (1929) é um alagoano da cidade de Tanque D'Arca, mas que há muito é um cidadão do mundo e um ícone do jornalismo brasileiro. Estudar a vida e obra de Audálio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Doutora do Curso de Jornalismo da COS-UFAL. E-mail: [magnoliasantos@gmail.com](mailto:magnoliasantos@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: [barbara\\_isis\\_martins@hotmail.com](mailto:barbara_isis_martins@hotmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: [licacris.ea@gmail.com](mailto:licacris.ea@gmail.com).

---

Dantas é reconstruir a história viva da Imprensa Nacional através de um personagem simbólico.

## **JORNALISMO ESPECIALIZADO EM ALAGOAS**

A teoria do jornalismo se faz com a reflexão pragmática do movimento dos acontecimentos. Não há como dissociá-los. Essa metodologia exige uma habilidade fina para se trabalhar nessa área de fronteiras. Por isso, a ação profissional de Audálio Dantas deve ser investigada, estudada. Afinal ele é um repórter, humanista por natureza, que se deixa envolver pela pauta de uma maneira sensível e comprometida com a cidadania.

A Bienal do Livro de Alagoas em 2013 homenageou dois jornalistas pioneiros: José Marques de Melo e Audálio Dantas. O mérito de Audálio Dantas como um repórter excepcional já foi reconhecido também pela série de prêmios com os quais foi contemplado: Prêmio Comunique-se, Prêmio Jabuti e Prêmio Juca Pato. Sua liderança sindical o levou a presidência do sindicato dos Jornalistas de São Paulo bem como à presidência da Federação Nacional dos Jornalistas. Ele também administrou empresas jornalísticas. O que revela a faceta plural do mesmo.

Através da Rede Alfredo de Carvalho/ALCAR/UFRGS/Methodista/UNESCO, a comunidade científica da área de comunicação elegeu a memória do pensamento comunicacional brasileiro como uma das linhas de pesquisa prioritárias. Durante a execução da pesquisa procuramos nos alinhar a esse projeto coletivo.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Com um caráter metodológico mais qualitativo, a pesquisa foi se constituindo através da combinação entre os dados bibliográficos e a análise textual da obra de Audálio Dantas. O momento conceitual: consistiu na pesquisa bibliográfica, seleção de obras e leituras dirigidas sobre o jornalismo investigativo e literário, sobre linguagem jornalística e sobre a biografia e obras de Audálio Dantas.

A etapa analítica foi fundamentada na teoria do jornalismo investigativo e literário desenvolvida por Lima (1990), Lima (1993, 2008 e 2010) e Pena (2006), associada à teoria dos estudos comparados de jornalismo (Marques, 1972). A partir daí, foi desenvolvida uma proposta original para a leitura crítica dos aspectos conceituais e imanentes na linguagem de

---

“Tempo de Reportagem — Histórias Que Marcaram Época no Jornalismo Brasileiro” (2012).

Por fim, chegou-se à síntese conclusiva equacionando a contextualização socioeconômica, histórica e cultural com os resultados da análise textual, discutindo da contribuição de Audálio Dantas para o jornalismo brasileiro.

## **PERFIL DE UM MILITANTE<sup>5</sup>**

Escritor e poeta, o nordestino Audálio Ferreira Dantas nasceu em 1932, em Tanque D'Árca, no agreste de Alagoas. Tipicamente brasileiro, o alagoano se encaminhou para a área do Jornalismo, na década de 50, de forma acidental. Filho do comerciante Otávio Martins Dantas e da dona de casa Rosalva Ferreira Dantas, o escritor possui dois irmãos, é pai de quatro filhos e casado há 26 anos com Vanira Kunc.

Em 1937, Audálio parte com sua família para a cidade de São Paulo. Dois anos depois, logo após a separação de seus pais, o jornalista retorna com a mãe e os irmãos à cidade natal e se reunindo com outros familiares. Na escola, Dantas se encantou com a leitura e as obras de Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Porém, seu autor preferido era mesmo Graciliano Ramos.

Algum tempo depois, a mãe de Audálio voltou para São Paulo e em 1944, aos 12 anos, ele recebeu um pedido para reencontrá-la. Durante a viagem de ida até sua mãe, nascia – sem saber – um futuro repórter, que por dez dias, observou a movimentação da viagem. Ao chegar no destino e retomar os estudos interrompidos, o alagoano foi aprovado em um teste para mudar de nível da escola, surpreendendo seus professores.

Aos 13 anos, Audálio conseguiu sua primeira ocupação e aos 17 já iniciava o laboratório fotográfico, em um segundo emprego. A experiência adquirida lhe permitiu sua primeira experiência profissional mais próxima do jornalismo, que foi no Jornal Folha da Manhã, em 1954, revelando fotos de Luigi Manprim. Não demorou muito tempo, o escritor já estava indo às ruas e acompanhando repórteres, o qual passou a escrever sobre essas aventuras, intitulada O Vale do Itajaí.

Dois anos depois, em 1956, o repórter apurou uma matéria acerca da Usina de Paulo Afonso, na Bahia. No ano seguinte, apresentou uma série de reportagens sobre o litoral brasileiro, entre São Paulo e Maranhão. No outro ano, Audálio decidiu quem seria a

---

<sup>5</sup> Esse item foi escrito, entre outras fontes, majoritariamente sob a inspiração do Instituto Vladimir Herzog. **Vladimir Herzog**. Acessível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/>>. Acessado em 10/09/2016.

---

personagem daquela que considera a reportagem mais importante até os dias atuais, relacionada ao livro Tempo de Reportagem, a Leya.

Nesse tempo, como uma aposta a reportagens de destaque, a Folha ajudou a moldar o perfil de Audálio, apresentando-lhe como destaque entre os colegas de profissão. Em 1959, o escritor foi convidado a integrar a equipe da revista O Cruzeiro, deixando para trás seus anos na Folha. Através da revista, o alagoano viajou para Argentina, Equador, Peru e o México.

No ano de 1966, Audálio trocou a revista O Cruzeiro pela Quatro Rodas e foi ser editor de Turismo. Em uma de suas produções, o jornalista virou correspondente da revista Veja, em uma guerra que acontecia em Honduras. Em 69, mudou para a revista Realidade, onde passou a produzir matérias sobre as revoluções econômicas e sociais de Minas Gerais.

O auge de Dantas como repórter aconteceu nas décadas de 60 e 70. Em 75, após assumir a Presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo o escritor viu sua vida mudar totalmente. Sua carreira sindical aconteceu numa época considerada como a mais difícil da ditadura militar, que culminou no acirramento da luta pela redemocratização do Brasil.

Entre a população que lutava pela liberdade e justiça social, estava o jornalista Vladimir Herzog, que em outubro de 75, foi preso, sequestrado e morto. Porém, a versão dos militares foi que ele teria cometido suicídio. Nesse triste fato, Audálio Dantas, então presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, teve atuação destacada para o esclarecimento da verdade.

Em 78, Audálio disputou um espaço na Câmara Federal pelo estado de São Paulo, elegeu-se e foi considerado o melhor deputado e um dos dez mais influentes do país. Durante anos posteriores, o jornalista passou de presidente do Sindicato para presidente da Fenaj, da Imprensa Oficial de São Paulo, conselheiro curador da Fundação Cásper Líbero e da Fundação Ulysses Guimarães, além de participar de congressos, seminários, conferências, palestras e debates.

Além dos livros publicados e de uma série infanto-juvenil, Audálio recebeu também muitas homenagens, como o Prêmio de Kenneth David Kaunda de Humanismo da ONU, o Troféu APCA e o Escritor. Por fim, em 2012, o escritor publicou uma reedição do livro Tempo de Reportagem. Na nova edição foram acrescentadas duas novas histórias e todas as reportagens foram reeditadas em partes.

## COLETÂNEA SÍNTESE

Lançado em 2012, *Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época* no jornalismo brasileiro é um livro que reúne em coletânea as grandes reportagens de Audálio Dantas em seu tempo como repórter na revista *Cruzeiro e Realidade*, além da sua reportagem célebre publicada na *Folha da Noite* (atual *Folha de S. Paulo*) sobre Carolina Maria de Jesus, catadora de papel em Canindé, que viria a ser uma grande descoberta literária e bastante questionada por se tratar de uma escritora revelada numa favela e ainda por cima semialfabetizada. A obra reúne 13 reportagens produzidas por ele entre as décadas de 50 e 70 (e uma na década de 90 para a *Playboy*), dividida entre suas reflexões feitas, comentários e bastidores da produção da reportagem, e logo em seguida a reportagem publicada na época.

“Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro” tem seu prefácio escrito pelo jornalista Fernando Morais, e no apêndice, a contribuição de Ricardo Kotscho com seu prefácio da 1ª edição do livro “O circo do desespero”, os contos das coisas acontecidas por Samir Curi Meserani e a entrevista “Monumento anda, fala (e depois come dois ovos fritos)” por Eliane Brum.

As grandes reportagens escolhidas foram:

- Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou – *Folha da Noite* (09 de maio de 1958);
- O circo do desespero – *O Cruzeiro* (23 de março de 1963);
- Nossos desamados irmãos loucos – *O Cruzeiro* (30 de março de 1963);
- A nova guerra de Canudos – *O Cruzeiro* (05 de dezembro de 1964);
- Oh, Minas Gerais! – *Realidade* (Janeiro de 1970);
- Doença de menino – *Realidade* (Fevereiro de 1970);
- Povo caranguejo – *Realidade* (Março de 1970);
- Chile 70 – *Realidade* (Novembro de 1970);
- Oh, Canadá! – *Realidade* (Dezembro de 1970);
- Joaquim Salário-Mínimo – *Realidade* (Janeiro de 1971);
- O prédio – *Realidade* (Abril de 1971);
- À margem – *Realidade* (Março de 1972);
- A maratona do beijo – *Playboy* (Agosto de 1993).

Tendo como princípio de ação uma citação do jornalista americano Gay Talese quando ele diz que o “jornalismo é a arte de sujar os sapatos”, utilizada no prefácio do livro por

Fernando Morais, Audálio Dantas construiu sua trajetória como repórter indo in loco atrás das respostas das diversas perguntas e questionamentos que envolviam a elaboração da reportagem, muito diferente do que estamos acostumados hoje em dia com a facilidade da tecnologia onde uma ligação ou o envio de e-mails facilitam a vida do jornalista.

Faz para parte da rotina jornalística de Audálio ir pessoalmente buscar a informação. Através de suas reportagens de rua, surge um jornalismo vibrante, carregado de emoção, de experiências e de ousadia. Assim, momentos marcantes da história e da vida dos brasileiros são explorados pelo jornalismo investigativo e com hábil talento, transformando em matéria literária.

No caso de Tempo de /reportagem, na matéria que abre o livro, “Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou”, Audálio relembra como foi conhecer Carolina Maria de Jesus, uma favelada semianalfabeta, que vivia de catar papel. Como com uma vida sacrificada e difícil, poderia ainda assim ter o dom literário ao escrever contos e poesias? Como teria escrito um diário onde contava a sua história desde criança e a vida na favela, como forma de externar suas angústias e inquietações? Foi dessas questões, que surgiram, ao conhecer Carolina, que Audálio deu vida a pauta:

Nos três dias de visita à favela, eu tinha recolhido informações suficientes para contar como o povo de lá vivia, mas, por mais que tivesse me enfiado pelo labirinto de barracos, pisado o chão lamacento, sentido o fedor das valas de esgoto, ouvido lamentos, xingamentos, blasfêmias e até palavras de conformismo de que não conseguiria retratar aquele mundo miserável com a mesma força e verdade contidas naqueles cadernos [de Carolina]. (DANTAS, 2012).

A partir dessa reportagem, muitas opiniões se dividiram, uns achavam que o conteúdo era algum tipo de invenção do repórter para vender jornal, outros questionavam a autenticidade dos textos escritos por Carolina, exaltavam preconceitos, mas ainda existiam aqueles que se emocionaram com o teor da reportagem e a história de luta e de um talento descoberto na favela.

Em resumo, os diários de Carolina Maria de Jesus viraram livro de repercussão internacional, intitulado *Quarto de Despejo*, e se transformando em um documento muito importante que relatava uma realidade social por muitos ignorada.

Mais adiante, em “O circo do desespero”, percebe-se a preocupação com o relatar o fato, que pelo curso da investigação seria investigada como uma tragédia, visto que se tratava de uma atividade de carnaval de São Paulo, um concurso de dança, onde os participantes eram

obrigados a dançar sem parar no ritmo da música determinada pelo evento, seja frevo, forró ou qualquer outra, durante 70 horas, dividido em duas etapas de 36 horas com intervalo de 6 horas entre as etapas. Um verdadeiro circo de horror.

Nesta apuração, percebe-se o caráter humano do jornalista Audálio Dantas, e sua capacidade de burlar as regras do jornalismo para retratar e expor para a sociedade o que realmente acontece no evento, e ainda relatar sua opinião e emoção, e demonstrando a força do jornalismo literário. Ele conta que:

Assim, como tragédia, a matéria seria tratada. O texto, o mais desprovido possível de adjetivos, começava a ser construído na minha cabeça. Não havia necessidade de dizer que a promoção daquele concurso era uma indignidade, algo que beirava o crime. Bastava-me contar, descrever o que via e sentia. Essa técnica, digamos, de simplesmente narrar o fato, com a melhor qualidade possível do texto, era, digamos, a minha “marca”. Não era, porém, a submissão à tão decantada objetividade dos manuais de jornalismo. Eu não podia ser um observador neutro daquele massacre. Para escrever sobre tudo aquilo, era preciso, pelo menos, uma boa dose de paixão. (...) Eu não pretendia, com aquele texto – nem com nenhum outro que tinha escrito até então -, fazer ninguém chorar. Mas considere que aquele era o jeito certo de contar uma história. (DANTAS, 2012).

Nesse relato, foi percebido que o humanismo impregnado no texto elaborado por Audálio, que traz características fieis do jornalismo literário/investigativo. É essa carga de relevância social, que como afirma Felipe Pena, caracteriza esse tipo de jornalismo com base em:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (2008, p.13).

Mais uma vez, percebe-se a importância da contribuição da obra de Audálio, quando é analisado o discurso sobre seu texto, sua visão de mundo, de humanidade. O jornalismo praticado por ele revela e ressalta momentos que devem levar o leitor a uma reflexão social, política e econômica, colocando em primeiro lugar a realidade em que vivemos. Na reportagem que seguinte, “Nossos desamados irmãos loucos”, a natureza emocional e humana apresentada no texto, eleva a prática jornalística a um nível de complexidade dramática, onde questionamentos internos interferem na investigação dos fatos objetivos para a elaboração da reportagem.

Distanciado no tempo, rememoro o cenário de horror do Juqueri. E mais uma vez constato que a reportagem que fiz para a revista *O Cruzeiro* em 1963, agora republicada neste livro, subverteu as regras, os padrões, a “normalidade”, digamos, do texto jornalístico. O “normal” seria o ordenamento dos fatos presenciados, a construção de um texto “objetivo”, com números, datas, declarações, opinião de especialistas etc. Mas a tragédia do Juqueri não cabia em nenhuma receita. Por isso, o texto saiu fragmentado, um painel composto de cenas que, em conjunto, expunham uma realidade absurda. “Perdido no meio da tragédia”, como escrevi na abertura do texto, fui “fotografando” cenas que me faziam sentir asco, aflição, revolta, vergonha, compaixão. Compaixão, sobretudo.

Ao escrever, eu me indagava: como ordenar toda aquela desordem? Assim fui puxando da memória ainda perturbada pelas cenas vistas e sentidas aquelas que haviam deixado as impressões mais fortes. (DANTAS, 2012).

Esses questionamentos internos ou conflitos psicológicos, já haviam sido também revelados na época da publicação original, em 1963, quando Audálio Dantas introduz a reportagem:

DENTRO DAS FRONTEIRAS DO JUQUERI, o repórter sente que está numa encruzilhada da profissão: olha para todos os lados, perde-se no meio da tragédia e conclui que não é possível fazer uma reportagem comum, dessas de contar simplesmente o que vê. Porque não é possível contar. Tudo aquilo que a gente vem aprendendo desde os tempos de “foca” se desmorona aos nossos pés. (DANTAS, 2012).

Entre esses exemplos e outros tantos expressos no decorrer da leitura do livro, é possível diagnosticar e identificar precisamente a contribuição de Audálio Dantas para o jornalismo literário. Nas suas reportagens, não é exposto apenas o relato ou o “ver” jornalístico, é sim apresentado também o “sentir”, “compreender”, “participar”, “emocionar”, “questionar”, e levar os leitores à realidade de maneira não apenas informativa e referencial, mas como uma forma didática e metalinguística para se fazer pensar e se posicionar da real condição humana.

## CONSIDERAÇÕES

Este breve estudo da biografia de Audálio Dantas e do livro *Tempo de Reportagem* se constituíram em um primeiro reconhecimento da viabilidade da pesquisa proposta. Na verdade, a investigação tem um longo percurso ainda a trilhar tendo em vista o volume de

obras de autoria desse repórter com uma longa e produtiva carreira profissional. A pesquisa segue o seu curso e a próxima obra em foco será *Aas duas guerras de Wlado Herzog* (2012).

Como resultado provisório, acreditamos que a pesquisa atual já demonstra a importante contribuição de Audálio Dantas para o pensamento jornalístico brasileiro, tendo em vista ser um repórter guiado por princípios humanistas. Ele vai além de um lead incomum, esteticamente concluído. Seu texto é engajado, comprometido com causas sociais, tanto individual quanto coletivamente.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DANTAS, Audálio. **As duas guerras de Wlado Herzog**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Leya, 2012.

FERREIRA Jr., Carlos Antonio Rogé. **Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e Contra-discursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem**. São Paulo: Editora da USP, 2004.

Instituto Vladimir Herzog. **Vladimir Herzog**. Acessível em <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/>. Acessado em 10/09/2016;

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores - [www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br) -, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

---

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura - jornalismo literário.** 4ed. São Paulo: Manole, 2008. Fonte: [http://www.fnpi.org/fileadmin/documentos/imagenes/Maestros/Textos\\_de\\_los\\_maestros/elmejor.pdf](http://www.fnpi.org/fileadmin/documentos/imagenes/Maestros/Textos_de_los_maestros/elmejor.pdf)

MARQUES, Gabriel García. A Melhor Profissão do Mundo. Acesso em 09/04/2016.

MARQUES DE MELO, José. **Estudos de Jornalismo Comparado.** São Paulo: Editora Pioneira, 1972.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.